



Grupos Colaborativos como Estratégia para Desenvolver a Formação Continuada de Professores que Ensinam Matemática

Renata Camacho **Bezerra**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Foz do Iguaçu/PR.
Brasil

renatacamachobezerra@gmail.com

Maria Raquel Miotto **Morelatti**

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente/SP.
Brasil

mraquel@fct.unesp.br

Discutir a formação de professores não é algo simples, pois envolve vários condicionantes. No entanto, a literatura tem nos mostrado que é importante e devemos cada vez mais discutir, refletir e propor alternativas para a formação do professor seja ela uma formação inicial ou continuada.

De acordo com Damiani (2008), a profissão docente é em sua essência uma atividade solitária e afirma isso ao fazer uma retrospectiva histórica que culmina com a seguinte citação: “Engestrom (1994) – da Finlândia – Hargreaves (1998) e Fullan e Hargreaves (2000) – do Canadá – e Thurler (2001) – da Suíça descrevem a profissão docente como solitária. Fullan e Hargreaves (2000) sugerem que o isolamento docente tem raízes em fatores como a arquitetura das escolas, a estrutura dos seus horários, a sobrecarga de trabalho e a própria história da profissão docente. Essa ideia é também corroborada por Engestrom (1994) e por Pimenta (2005) – esta se referindo ao nosso país. ”, (DAMIANI, 2008: 219).

Pensando nisto este artigo tem por objetivo sugerir os grupos colaborativos como uma estratégia que pode efetivamente colaborar com a formação continuada e o desenvolvimento profissional do professor. Esta discussão é desenvolvida no âmbito da tese de doutorado, que busca compreender a interferência de um grupo de estudo/pesquisa e de apoio na formação continuada do professor que leciona matemática nos anos iniciais na sua formação e no processo de ensino da Matemática.

De início é necessário lembrar que muitos autores utilizam o termo colaboração e cooperação quase no mesmo contexto, mas é importante que façamos a diferenciação entre ambos.

Damiani (2008) indica que, alguns autores contextualizam a cooperação como sendo algo

no qual há ajuda mútua na execução de tarefas, no entanto podem existir relações hierárquicas e desiguais entre seus membros; não há autonomia e nem poder para decisão por parte dos participantes. Já na colaboração, os membros se apoiam visando atingir objetivos comuns e que são negociados no coletivo; as relações não são hierárquicas, a liderança é compartilhada, existe confiança mútua, a linguagem é um instrumento mediador e fundamental; e há coresponsabilidade sobre todas as ações. Além disso, Ibiapina (2008) indica que é no trabalho colaborativo que professores e pesquisadores podem produzir saberes, e compartilhar estratégias que promovem o desenvolvimento profissional.

Para Damiani (2008), “... ao valorizar o trabalho colaborativo, não se nega a importância da atividade individual da docência.”, (DAMIANI, 2008: 219), mas como afirma Ferreira (2003), é uma possibilidade de superar “a lacuna existente entre as discussões e pesquisas produzidas nas universidades e a realidade das escolas ... através do diálogo e intercâmbio entre ambas esferas de produção de saberes”. (FERREIRA, 2003:32)

Diante disso, não restam dúvidas de que a colaboração é “...um processo que cria possibilidades de transformação por meio da negociação dos sentidos e compartilhamento de significados”, (DAMASCENO, 2013:41).

Os grupos colaborativos são uma possibilidade de reflexão coletiva, reflexão individual, construção e (re) construção de conceitos, através da prática de compartilhar erros e acertos, de negociar e confrontar pontos de vista, com isso surge um elemento fundamental para a construção do “ser” professor e conseqüentemente para o “desenvolvimento profissional” o que sem dúvidas terá reflexos importantes na sala de aula.

Junta se a todos os argumentos já apresentado o fato de que o “trabalho colaborativo possibilita, além disso, o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade – que se foram perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista”, (DAMIANI, 2008: 225).

Por fim, resta nos reforçar a ideia amplamente difundida e defendida pela literatura, de que o trabalho com grupos colaborativos é importante não só para a formação continuada, mas também para formação inicial, pois é neste momento que podemos trabalhar coletivamente na construção da autonomia do professor, bem como, no auxílio para desencadear processos de reflexão individual e coletiva e conseqüentemente colaborar para a mudança necessária em nossas salas de aula frente à nova demanda social que temos e a escola que se apresenta nos dias atuais.

Referências e Bibliografia

- DAMASCENO, I. C. (2013) *Sentidos e Significados de Ensinar Matemática nos Anos Iniciais: Reflexão Crítica e Colaborativa de Práticas Educativas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.
- DAMIANI, M. F. (2008) Entendendo o trabalho colaborativo em Educação e revelando seus benefícios. *Educar*. N. 31, Curitiba/PR: Editora UFPR, 213-230.
- FERREIRA, A. C. (2003) *Metacognição e Desenvolvimento Profissional de Professores de Matemática: Uma Experiência de Trabalho Colaborativo*. Tese de Doutorado. Programa de pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas.
- IBIAPINA, I. M. L. de M. (2008) *Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento*. Brasília: Liber Livro Editora.